



# Aula de Literatura Brasileira VI

---

Prof. Jaime Ginzburg 29/9/2020



# Para lembrar: cronograma da disciplina - próximas aulas

---

1/10 - Aula sobre Tópicos de estudos de narrativa \*

6/10 - Tempo de estudos orientados

8/10 - “Os obedientes” de Clarice Lispector \*\*

\* Será importante a revisão que pedi na primeira aula

\*\* Observar de modo detalhado a descrição de personagens e o vocabulário

# “Clarice Lispector” de Yudith Rosenbaum (slide da aula anterior)

---

Em "Feliz Aniversário", o foco recai sobre uma matriarca na comemoração de seus 89 anos. Os laços familiares continuam sendo o núcleo privilegiado da autora e agora são desvelados em toda a sua crueldade. D. Anita, a "mãe de todos", mora com a filha Zilda, que, "para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada a cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa". A personagem é tratada como um objeto quase animalesco (a presilha faz as vezes de coleira), sofrendo passivamente a ação do outro. A festa já se

No comentário de Yudith Rosenbaum, destacar os elementos:

---

“falso” e “hipócrita”

“crueldade”

(slide da aula anterior)

## A forma do conto” de Benedito Nunes (slide da aula anterior)

Vejam os primeiramente aquilo que diz respeito à história como tal<sup>3</sup>. Na maioria dos contos da autora, o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva. Como núcleo, isto é, como

## “A forma do conto” de Benedito Nunes (slide da aula anterior)

~~Momento que os une e que os separa.~~

Como núcleo da história, a tensão conflitiva está diferentemente qualificada nos contos de Clarice Lispector: é transe nauseante (“Amor” e “Os Desastres de Sofia”, LE); acesso de cólera (“Feliz Aniversário”, LF); de ira (“O Jantar”, LF), de ódio (“O Búfalo”), de loucura (“Imitação da Rosa”, LF); de medo (“Preciosidade”, LF); de angústia (“A Mensagem”, LE) e de culpa (“O Crime do Professor de Matemática”, L). Momento privilegiado, cujo ápice dá algumas vezes o climax da narrativa, essa crise acha-se, via de regra, condicionada por uma situação de confronto, não só de pessoa a pessoa (“O Jantar”, “Amor”, “Laços de Família”, “Legião Estrangeira”), e não apenas entre pessoas (“Feliz Aniversário”),

# Benedito Nunes

---

“tensão conflitiva”

Em “Feliz aniversário”: “acesso de cólera”

(slide da aula anterior)

# Vocabulário

---

“punho de assassina”

Função do emprego do termo “assassina”

(slide da aula anterior)

dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devido com um bom homem a quem, obediente e independente, a respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos, lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelhando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

— Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela, passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. — Mamãe, que é isso! disse baixo, angustiada. A senhora nunca fez isso! acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo com a velha não passava agora de uma criança.

## O foco narrativo: “ratos”, “comunistas” (slide da aula anterior)

Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ~~ratos se acotovelando~~, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita ~~cuspiu no chão~~.

# Dorothy e o vinho

---

— Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

— Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosamente a neta roliça e baixinha.

— Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! Me dá um copo de vinho, Dorothy!, ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida, os

# Vocabulário

---

“uns comunistas”

“maricas, cornos e vagabundas”

# O comportamento dos familiares

---

José - “(...) hoje não se fala em negócios!”

“Hoje é dia da mãe!”

E quando foram ver, não é que a aniversariante já estava devorando o seu último bocado?

→ E por assim dizer a festa estava terminada.

Cordélia olhava ausente para todos, sorria.

— Já lhe disse: hoje não se fala em negócios! respondeu José radiante.

— Está certo, está certo! recolheu-se Manuel conciliador sem olhar a esposa que não o desfitava. Está certo, tentou Manuel sorrir e uma contração passou-lhe rápido pelos músculos da cara.

— Hoje é dia da mãe! disse José.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta, Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração. Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada, cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera.

# Reiteração

---

“(...) ela era a mãe de todos”

# O foco narrativo

---

As variações de posição do narrador

## O foco narrativo: “cadê Rodrigo?” “Como?!”

---

ficou mais dura na cadeira, mais alta, Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração. Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada, cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. O limiar: entre a vida e a morte.  
In:\_\_\_ . *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34,  
2014.

---

“O limiar designa, portanto, essa zona intermediária que a filosofia ocidental - bem como o assim chamado senso comum - custa a pensar, pois que é mais afeita às oposições demarcadas e claras (masculino/feminino, público/privado, sagrado/profano, etc.) (...)” p.37

# O estado limiar

---

Final de “Feliz Aniversário” - entre a vida e a morte

Processo de “Viagem a Petrópolis” - descontinuidades da consciência acentuam o risco de morte

# A velhice no Brasil

---

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DE PRIORE, Mary & AMANTINO, Marcia, orgs. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

# A velhice no Brasil

---

“(…) surgem as primeiras formas de gestão da velhice que atribuem ao Estado e às instituições filantrópicas, principalmente religiosas, o amparo e a atenção aos mais velhos. (…) A velhice ganha visibilidade e atenção, na sociedade ocidental moderna, ligada primeiro à dimensão da pobreza e da improdutividade (…)

“ (p.431)

# “Amour”, Michael Haneke, 2013

---

[https://www.youtube.com/watch?v=8cQZJxV1a\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=8cQZJxV1a_0)

# Condições de vida na velhice

---

## O corpo velho

FERNANDES, Maria das Graças & GARCIA, Loreley. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.14, n.35, out./dez. 2010.

# Condições de vida na velhice

---

Vale ressaltar que o corpo humano como sistema biológico é afetado, também, pela religiosidade, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e por outros intervenientes sociais e culturais, a exemplo do gênero (Rodrigues, 2006). Considerando essa perspectiva, o corpo é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico (Le Breton, 2007).

Assim sendo, o comportamento evidenciado pelos idosos com relação à vivência de sua corporeidade é modelado representacional e socialmente. É usual percebermos, com o olhar do senso comum, que eles ostentam posições e condutas que advêm da dimensão natural inscrita em seus corpos, por meio do social, especialmente as mulheres.

# BRETTON, David Le. *A sociologia do corpo*. (da aula do dia 17/9)

---

“(...) o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais” (p.29)

“Interações implicam em códigos, em sistemas de espera e de reciprocidade aos quais os atores se sujeitam.” (p.47)

Petrópolis: Vozes, 2007.

Especificidades do corpo da protagonista idosa.

# “Viagem a Petrópolis”

---

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara. Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um ténue veludo branco. Quando lhe davam

## “Viagem a Petrópolis”

existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão — se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só relembrava o marido em mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com o uniforme de contínuo, ia a festas de paletó, sem falar que não poderia ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. A procura do paletó do marido ainda mais cansou a velha